

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

## SALMO 23.4: UMA PROPOSTA DE MODELO PASTORAL PARA MOMENTOS DE CRISE

Psalm 23.4: proposal of a pastoral model for times of crisis

Neilson Xavier de Brito<sup>1</sup>

### RESUMO

O ministério pastoral enfrenta momentos cruciais quanto à sua integridade e credibilidade. Pesquisas apontam uma queda de confiança dos fiéis/rebanho para com a igreja/pastores. Este artigo tem, portanto, a finalidade de refletir sobre a necessidade de um modelo de ação pastoral a partir da compreensão do que é exercer tais atividades num mundo pós-moderno, marcado por relacionamentos sem relevância, nos quais, apesar de tantas formas de comunicação, vive-se como andarilhos num “deserto de comunicação”. Tomando como base o Salmo 23.4 e após breve análise da sociedade “pós-tudo”, buscou-se aprofundar o conhecimento sobre a relação apresentada pelo salmista, pastor-ovelha, numa referência Yahveh e Israel. Destacando-se que “caminhar pelo vale da sombra da morte”, serviu de embasamento para uma proposta de ação pastoral em momentos de crise. O pastor precisa conhecer e seguir o modelo pastoral do seu Pastor. Procura-se no texto, enfatizar que essa proposta de modelo pastoral precisa ser marcada pela ação presencial do pastor, que tem em Cristo o modelo de servir.

**Palavras-chave:** Teologia Pastoral. Pós-Modernidade. Crise. Ação Pastoral.

### ABSTRACT

Pastoral ministry is facing crucial moments concerning its integrity and credibility. Studies show a decrease in faith among the believers / flock in regard to church / shepherds. Therefore, this article has the purpose of reflecting about the need for a model of pastoral action, from the understanding of what it means to exercise such activities in a

<sup>1</sup> Pós-Graduado em Aconselhamento pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Pastor batista. E-mail: [pr\\_neilson@hotmail.com](mailto:pr_neilson@hotmail.com)

postmodern world marked by irrelevant relationships, which in spite of so many forms of communication, are lived as roamers in a "communication desert". Based on Psalm 23.4 and after a brief analysis of a "post-everything" society, it was sought to deepen understanding of the shepherd - sheep relationship presented by the Psalmist, a reference to Yahweh and Israel, highlighting that "walk through the valley of the shadow of death" served as the basis for a proposal of pastoral action in times of crisis. The minister must know and follow the pastoral model of his own Shepherd. This article seeks to emphasize that this proposal for a pastoral model needs to be marked by actual pastor action, which has Christ as its role model.

**Keywords:** Pastoral Theology. Post-Modernism. Crisis. Pastoral action.

## INTRODUÇÃO

A busca por uma teologia pastoral continua um desafio para este tempo. A necessidade de uma *práxis* pastoral consistente, embasada em fundamentos teológicos e psicoterapêuticos corretos, persiste inquietando uma geração na busca por uma melhor qualidade em suas atividades pastorais.

Reconhece-se que o mistério pastoral enfrenta momentos adversos quanto à sua integridade e credibilidade. Pesquisas, literaturas e mídia apontam uma queda de confiança dos fiéis/rebanho para com a igreja/pastores. Segundo Queiróz, em *Transparência no Ministério* – como ser um líder segundo o coração de Deus:

Vive-se dias em que palavras como autenticidade, honestidade, integridade, lealdade, fidelidade e compromisso estão perdendo o seu valor e posição nas galerias da excelência. A chamada pós-modernidade introduziu o conceito do "politicamente correto" que se constituiu numa verdadeira legalização do errado.<sup>2</sup>

Ricardo Barbosa de Souza, prefaciando o livro de Eugene Peterson, "*A Vocação Espiritual do Pastor*", e considerando o momento atual da igreja, afirma que, "cada vez menos se fala sobre a formação pastoral e cada vez mais na formação de líderes e que essa nova imagem de líder vem corrompendo a vocação".<sup>3</sup> As igrejas, segundo o prefaciador, refletem mais as estruturas eficientes do mercado e menos a imagem da glória de Deus. No entanto, há um clamor das ovelhas. João Paulo II, em sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal *RECONCILIATIO ET PAENITENTIA*, usa a expressão "cada alma que se eleva, eleva o mundo inteiro"<sup>4</sup>; corroborando com as preocupações até agora apresentadas, afirma que:

[...] a esta *lei da elevação* corresponde, infelizmente, a *lei da descida*, de tal modo que se pode falar de uma *comunhão* no pecado, em razão da qual uma alma que se rebaixa pelo pecado arrasta consigo a Igreja, e, de certa maneira, o mundo inteiro. Por outras palavras, não há nenhum pecado, mesmo o mais íntimo e secreto, o mais estritamente individual, que diga respeito

<sup>2</sup> QUEIRÓZ, Edison. **Transparência no ministério**: como ser um líder segundo o coração de Deus. São Paulo: Vida, 1998, p. 5.

<sup>3</sup> PETERSON, Eugene. **A vocação do pastor**: redescobrimo o chamado ministerial. Tradução de Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 7-9.

<sup>4</sup> A expressão é de autoria da escritora francesa Elisabeth Leseur: *Journal et pensées de chaque jour*. Paris, 1918, p. 31.

exclusivamente àquele que o comete. Todo o pecado se repercute com maior ou menor veemência, com maior ou menor dano, em toda a estrutura eclesial e em toda a família humana.<sup>5</sup>

Kivitz, em *A Teologia Prática: Modernidade e Urbanidade*<sup>6</sup>, procura estabelecer a distinção entre a Teologia Prática e a Teologia Pastoral, qualificando de plenamente justificável delimitar adequadamente o espaço acadêmico da teologia prática em relação ao estudo da práxis religiosa na sociedade, utilizando-se do conceito de Schleiermacher que afirmava ser “a ‘teologia’ distinta da ‘teologia prática’, para quem a teologia é uma ciência para a práxis (*scientia ad praxin*), enquanto a teologia prática é a ciência da práxis (*scientia praxeos*)”.<sup>7</sup> Assim sendo, Longuini Neto esclarece que a teologia pastoral nasce de uma necessidade prática, portanto, de uma teologia prática.<sup>8</sup>

Entretanto, para que se possa exercer essa teologia pastoral a partir de uma teologia prática, faz-se necessário compreender o ambiente onde essa teologia será aplicada.

## 1. COMPREENDENDO O MUNDO PÓS-MODERNO

Clóvis Castro, ao refletir sobre a dimensão pública da Igreja, define que pastoral “é a ação do povo de Deus na realidade cotidiana, onde, na relação tempo/espaço, o ser humano se encontra”<sup>9</sup>, o que torna possível questionar: Em que tempo/espaço se convoca o exercício pastoral nos momentos de crise?

Esse tempo tem se caracterizado por significativas transformações. Vivencia-se um momento de transição entre a modernidade e a pós-modernidade. Tem-se dificuldade de compreender com inteireza como a alma e o corpo interagem. De certa forma, o conceito de alma humana foi banido na pós-modernidade. O mundo já não tem um centro transcendente como um todo. Entretanto, Grenz, em sua análise sobre a Pós-Modernidade, faz esse desafio:

imbuídos da visão do programa de Deus para o mundo, devemos reivindicar o novo contexto pós-moderno para Cristo, assumindo a fé cristã segundo critérios compreensíveis para a nova geração. Resumindo, sob o pendão da cruz, é necessário seguir corajosamente indo onde nenhum homem jamais esteve.<sup>10</sup>

<sup>5</sup> PAULO II, João. **Exortação Apostólica Pós Sinodal Reconciliatio Et Paenitentia**, 16. Publicada em 18/05/2006. Disponível em: [www.vaticano.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_exhortations/documentes/hf-j...](http://www.vaticano.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documentes/hf-j...) Acesso em 29/07/2013.

<sup>6</sup> KIVITZ, Ed René. *A Teologia prática: modernidade e urbanidade*. In: SILVA, Geovaldo Jacinto da (Org.). **Itinerário para uma Pastoral Urbana: ação do povo de Deus na cidade**. 2.ed. São Bernardo do Campo: UESP, 2012, p. 37.

<sup>7</sup> KIVITZ, 2012, p. 42.

<sup>8</sup> LONGUINI Neto, Luiz. **O novo rosto da missão: o movimento ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano**. Viçosa: Ultimato, 2002, p. 51.

<sup>9</sup> CASTRO, Clovis Pinto. **Por uma fé cidadã: a dimensão pública da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 105.

<sup>10</sup> GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia de nosso tempo**. Tradução de Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 24.

Compreender o mundo, o momento ou aquilo que os alemães denominam de “*Zeitgeist*”<sup>11</sup> é um dos desafios da teologia da prática pastoral. Enfrentam-se os riscos e a ansiedade de se viver juntos e separados, mundo pós-moderno marcado pela fragilidade dos laços humanos. Segundo Bauman, “[...] o amor ao próximo é o que mais contraria o tipo de razão que a civilização promove: a razão do interesse próprio e da busca da felicidade”. [...] “o que mais contraria a natureza original do homem.”<sup>12</sup>

A pós-modernidade veio para ficar nesse “*Zeitgeist*”. Os cenários estão aí: nas ruas, nas escolas, nas casas, nas famílias, nas igrejas, no rebanho. É um tempo de incertezas, e para Bauman:

O sentimento dominante, agora, é a sensação de um novo tipo de incerteza, não limitada à própria sorte e aos dons de uma pessoa, mas igualmente a respeito da futura configuração do mundo, a maneira correta de viver nele e os critérios pelos quais julgar os acertos e erros da maneira de viver. O que também é novo em torno da interpretação pós-moderna da incerteza (em si mesma, não exatamente uma recém-chegada num mundo do passado moderno) é que ela já não é vista como um mero inconveniente temporário, que com o esforço devido possa ser ou abrandado ou inteiramente transposto. O mundo pós-moderno está se preparando para a vida sob uma condição de incerteza que é permanentemente irreduzível.<sup>13</sup>

Nessa perspectiva, Boff considera que “a condição humana representa a coexistência de contradições. [...] A oração expressa esses altos e baixos, os abismos e as culminâncias que estão presentes nos homens e os colocam inteiros diante de Deus em suas dimensões pessoal e cósmica, com suas dilacerações e excelência”.<sup>14</sup> Nesse contexto de incertezas, o Salmo 23 surge aflorando toda essa ansiedade humana causada pelas vicissitudes da vida e ao mesmo tempo, afirmando uma absoluta confiança em Deus. Destaque-se aqui, que na literatura israelítica dos Salmos, observa-se o registro de várias expressões de sentimento, trazendo à tona os gritos de alegria, expressos na adoração e no louvor e, também, os gritos de dor, de angústia, de medo e de culpa.<sup>15</sup>

## 2. O SALMO 23: DRAMATICIDADE E ESPERANÇA DA VIDA

Ainda Boff enfatiza que “toda a dramaticidade da vida e toda a esperança possível estão aqui (Salmo 23) apresentadas. É o triunfo da esperança sobre o medo e a vida sobre as

<sup>11</sup> O termo “*Zeitgeist*” apareceu pela primeira vez no romantismo alemão em 1796, quando Herder fez uma crítica ao filósofo alemão Christian Adolf Klotz. Atualmente significa: o espírito da época, espírito do tempo ou sinais do tempo. Conjunto de clima intelectual e cultural do mundo numa certa época ou as características genéricas de um determinado período de tempo.

<sup>12</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 97-98.

<sup>13</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 32.

<sup>14</sup> BOFF, Leonardo. **O Senhor é o meu Pastor: consolo divino para o desamparo humano**. 2.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 18.

<sup>15</sup> BOFF, 2004, p. 16-18.

sombras da morte”.<sup>16</sup> Araújo Filho, até por conta dessa dramaticidade marcada pelas contradições da vida, define os Salmos como a “psicanálise da história e dos fatos, onde os personagens sagrados são desmistificados, revelando a alma de forma desnudada”.<sup>17</sup> Portanto, os Salmos expressam uma grande variedade de sentimentos pertinentes à alma humana.

A poesia em Israel cresceu num ambiente da poesia lírica do Antigo Oriente, o que torna possível estabelecer relativos paralelismos entre os cânticos de lamentações mesopotâmicos e os mesmos cânticos da salmodia hebraica. Entretanto, Sellin e Fohrer<sup>18</sup> observam que os gêneros literários dos salmos revelam três aspectos distintos: a progressiva interiorização, onde os bens deste mundo são substituídos por bens religiosos, sobretudo o perdão; a ação de Javé no sofrimento humano e afirmação de Javé, enquanto Deus do mundo e Deus do indivíduo. Os Salmos também testemunham a relação vibrante que existia entre o Deus de Israel e o seu povo.

O Salmo 23[22] faz parte do saltério de Davi - *1º dawid*, e essa é conclusão aceita a partir do século X a.C.<sup>19</sup> A fé demonstrada pelo salmista é a sublime confiança em Deus. Ele fala sobre a escuridão, dos inimigos, das montanhas, dos desfiladeiros, das tristezas, das decepções e que nenhuma vida pode ir muito longe sem que o Pastor a alimente e proteja.<sup>20</sup> Também deve ser ressaltada a profundidade que se apresenta na simplicidade e força que há na aparente fragilidade desse salmo. Sua paz não é uma fuga; seu contentamento não é complacência; há disposição para enfrentar as trevas e um ataque iminente, e seu clímax revela um amor que não acha satisfação em nenhum alvo material: somente no próprio Senhor.<sup>21</sup>

A análise do texto do Salmo 23.4 levanta uma questão: Quem é esse “pastor” e essa “ovelha”?

(יהוה) *Yahveh* – (אלהים) *Elohim* (Ελο /ποιμαινει) *Poimainon* (τω) *tón* (Ισραηλ) *Israel* (LXX) aparece como título somente aqui no Antigo Testamento, mas a figura de pastor divino era comum (cf. Sl 23.1-3; 74.1; 78.52; Gn 49.24; Dt 40.11). No salmo 23, *Yahveh* (יהוה) foi convocado para dar ouvidos/escutar a agonia de Israel. *Yahveh ro’eh* (אחסר: לא יהוה רעי) aqui definido como – *Jeová é o meu Pastor*, do hebraico *raah* (רעי), figurando no AT setenta e sete vezes no participio, onde tem o sentido de “pastor” (ex: Êx 2.17; Nm 27.17; I Sm 17.4; Is 13.20; Jr 31.10; Ez 34.2-10) e no NT grego, *poimèn* (ποιμην) aparece 18 vezes (Mt 9.36; Mc 6.34; Lc 2.8,15; Ef 4.11; Hb 13.20; I Pe 2.25) e todos os textos trazem o sentido literal de alguém que cuida dos rebanhos de ovelhas.

<sup>16</sup> BOFF, 2004, p. 144.

<sup>17</sup> ARAÚJO Filho, Caio Fábio de. **No divã de Deus: uma análise psicoteológica dos Salmos**. 4.ed. Niteroi: Vinde, 1991, p. 11.

<sup>18</sup> SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de D. Mateus Rocha. São Paulo: Academia Cristã, 2007, p. 354-358.

<sup>19</sup> BOFF, 2004, p. 29-30.

<sup>20</sup> YATES, Kyle M. **Estudos no livro dos Salmos**. Tradução de Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro: JUERP, 1959, p. 53.

<sup>21</sup> KIDNER, Derek. **Salmos 1 a 72: introdução e comentário aos Livros 1 e 2 dos Salmos**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 128.

Segundo Bauer, em seu verbete sobre pastor:

O AT não reconhece o uso de (*ro'eh*) título aplicado a deuses e homens, como era, normalmente, usado no Oriente de modo geral. Ao contrário, a aplicação aos diferentes aspectos da atividade pastoril à figura de Javé, mostra que a imagem está inteiramente a serviço do mundo da fé em sua realidade viva. Javé guia o seu povo, o seu rebanho (Sl 68.3; 23.3), procura as pastagens (Sl 23.2; Jr 49.19), chama as ovelhas dispersas (Zc 10.8) ajunta-as (Ez 34.16) carrega-as (Is 40.11; Sl 28.9). Entretanto, Javé pode aparecer como um pastor no sentido inverso, e levar o seu povo como um rebanho de ovelhas para a matança, e, em vez de ajuntá-los, dispersá-lo entre os povos (Sl 44.12,23; Jr 12.3; Zc 11.4,7).<sup>22</sup>

Quando Davi declara “O Senhor é o meu Pastor”<sup>23</sup>, ele também estava consciente de quem era o seu Pastor e conhecia o Seu amor de forma histórica e experimental.

A outra referência do texto está relacionada à ovelha. A figura da ovelha está diretamente ligada ao pastor, sendo reconhecida pelos profetas e pelos textos neotestamentários (cf. Sl 100; Ez 34.15,31; Jo 10.11-15). A ideia trazida da vida cotidiana para a vida espiritual era o “*milieu*”<sup>24</sup> de Davi. Ele era pastor de ovelhas, conhecia o trato com as mesmas, por isso quando afirmou “*Yahveh é o meu Pastor*” ele sabia as implicações desta declaração poético-teológica. A ideia de ovelha parece ser sempre a de fragilidade. “As ovelhas estão fatigadas, nervosas, tensas, temerosas e pobres. Não há descanso. Parece que o rebanho está sempre tenso. Ao mais leve som estranho, as ovelhas se impacientam.”<sup>25</sup> Davi narrou os fatos que indicavam os atos pastorais de Deus na vida das ovelhas. A relação de Deus para com o seu povo é fundamentada na confiança da parte da ovelha para com o Pastor.

### 3. A PRESENÇA DO PASTOR NO “VALE DA SOMBRA DA MORTE”

O Pastor não apenas lhes oferece o descanso das verdes pastagens, o beber das águas tranquilizantes, o renovar nas forças e o guiar por caminhos de justiça (Sl 23.1-3), mas, também, presença nas horas mais angustiantes, as quais o salmista denomina de “vale da sombra da morte”. O temor da sombra da morte é o significado literal de uma única palavra hebraica – (צלמות) *salmavèt* - escura como a morte, profundas trevas, o vale mais profundo, portas da morte.<sup>26</sup>

A ideia de morte na Bíblia, especialmente nos Salmos, segundo Boff,

deve ser entendida não apenas como o fim da vida, mas, existencialmente, como a experiência de crises profundas, com grave risco de vida, perseguição

<sup>22</sup> BAUER, J. **Dicionário de Teologia Bíblica**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1979, vol. 2, p. 821.

<sup>23</sup> Os textos bíblicos transcritos são da Bíblia Sagrada Versão Revisada da Tradução de João Ferreira de Almeida – de Acordo com os Melhores Textos em Hebraico e Grego. 4. imp. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

<sup>24</sup> JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. Tradução de João Rezende Costa. 10.ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 195. O termo francês refere-se ao ambiente (ambiente sociocultural, ao redor).

<sup>25</sup> KETCHAM, Roberto. **O Salmo 23: nada me faltará**. São Paulo: Imprensa Bíblica Regular, 1981, p. 28-29.

<sup>26</sup> KIDNER, 2008, p. 129-130.

feroz de inimigos, humilhação, exclusão e solidão devastadora. Fala-se então em descer aos infernos da condição humana.<sup>27</sup>

Por isso, o salmista/poeta celebra seu Pastor que o guia através das vicissitudes da vida rumo à quietude beatífica da casa de (יהוה) *Yahveh*.<sup>28</sup>

“Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, pois Tu estás comigo” (Sl 23.4) no hebraico: כִּי רַע גַּם אִירָא עִמָּדִי לֹא אֶתָּה כִּי “Gam ki-elech tsalemávet, lo ira ro ki ata imadi” – também, ainda/ que ou porque/andar, caminhar/ preposição b+guei, ou seja, no vale/ sombra da morte não temeria ou temerei/ maldade/ que ou porque/ tu estás comigo. “halak (אלך) andar, movimento, ir.” “biq’â (ביא) – vale/ situações que forcem rompimento.” Chouraqui define como “vale de sombra / morte”, um vale tenebroso cheio de perigos. A palavra tsalmavét (צלמות) significa “uma grande treva”. Os comentaristas desviam-se desse sentido vendo aí o vale da morte, por causa da consonância com a palavra que lembra morte, (מות) mavét.<sup>29</sup>

A LXX traduz por “èan (ἐάν) (interjeição de medo, surpresa, indignação, probabilidade) gár (γάρ) (pois de fato) kai (καί)(e/mesmo) phoreuthô (πορεύομαι) (sigo o caminho, viajo) ‘em métô (ἐνμέσος) (frente, testa) skiâs (σκία) (sombra) thanatou (θάνατος) (morte – separação da alma do corpo pela qual a vida terrena termina).

O “vale da sombra da morte” não é surpresa e a ovelha precisa de coragem para confiar no pastor. Paulo afirma em Romanos 8.36: “como está escrito (Sl 44.22): Por amor de ti somos entregues à morte o dia todo; fomos considerados como ovelhas para o matadouro.”

Ao considerar “vale da sombra da morte”, o salmista é enfático quando diz: “*Não temerei mal algum, porque tu estás comigo.*” “*Não temerei maldade*”, no hebraico *ra’* (רעה) (*maldade*) é oposto de (שלום) *shalom* – *tôb* (bom), e significa mal, infortúnio, aflição, dano, perversidade, desgraça. A LXX traduz por: “*ou fobethésomai kaká, oti sù met’ émoû ei*” (ου φοβηθησομαι κακα οτι συ μετ εμου ει) (interjeição negativa, ênfase/não cheio de medo, amedrontado, mal/dia mal, fenômenos, homens maus, perigos de qualquer tipo. A presença da conjunção: visto que/porque, expressa causa enfática no - tu estás (absolutamente) comigo. Já Agostinho traduz assim o versículo 4, do Salmo 23:

“Ainda que atravesse as sombras da morte”. Ainda que atravesse esta vida que é a sombra mortal. “Não temerei mal algum”. Estás comigo. Não temerei males, porque habitas em meu coração pela fé; e agora estás comigo, de sorte que após as sombras da morte, também eu esteja contigo. “Teu bordão e teu báculo são o meu reconforto.” Tua disciplina, como bordão que guia o rebanho de ovelhas e como cajado para as ovelhas maiores, que da vida animal crescem para a espiritual, em vez de me afligirem mais me consolaram, porque tu te lembras de mim.<sup>30</sup>

Em meio a toda essa visão de caos, o salmista declara: “*Tu estás comigo*”. Ele está presente com o seu pastoreio cuidadoso, por isso não me faltará a sua presença. A sua

<sup>27</sup> BOFF, 2004, p. 93.

<sup>28</sup> CHOURAQUI, André. **A Bíblia: Louvores (Salmos 1)**. Tradução de Paulo Neves. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 134.

<sup>29</sup> CHOURAQUI, 1998, p. 135.

<sup>30</sup> AGOSTINHO. **Comentários dos Salmos 1 - 150**. Revisão: H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1997, p. 217.



presença invalida o medo e as sequelas que ele produz. Lucado, ao comentar o mesmo texto, diz sobre a solidão:

Solidão não é ausência de faces. É a ausência de intimidade. A solidão não vem de se estar sozinho; vem de se sentir sozinho. Sentir como se você estivesse enfrentando a morte sozinho, enfrentando a doença sozinho, enfrentando o futuro sozinho. [...] a solidão é quando você pensa: sinto-me tão só. Ninguém se importa?<sup>31</sup>

Ainda sobre o “vale da sombra da morte” e do medo que este provoca, Calvino afirma:

Que necessidade Davi teria dessa consolação, não fosse o fato de sentir-se inquieto e agitado pelo medo? Deve, pois, ter em mente que, quando ele refletiu sobre as adversidades que poderiam lhe sobrevir, tornou-se vitorioso sobre os medos e as tentações, e não de outra forma senão lançando-se sobre a proteção divina.<sup>32</sup>

Mas de que maneira Deus se faz presente nesse “vale de sombra da morte”? Davi responde dizendo: “*a tua vara e teu cajado me consolam*”. O que significa essa linguagem? Essa linguagem/conceito pertencia ao “milieu” de Davi. O texto hebraico diz: “... *shvtechá umishi’antechá hemá inachamuni* (יְהוָה יְהוָה: הַמָּה וּמִשְׁעֵנֶתְךָ שְׂבִיטְךָ עִמָּדֵי אֶתֶּךָ כִּי) – *a tua vara e o teu bordão, eles me confortam*. O texto grego declara: “*è rábdos sou kai em baktería sou, autai me parekálesan*” (ραβδος σου και η βακτηρια σου αυται με παρεκαλεσαν) - a vara sua e o cajado seu mesmos me chamam ao lado para me confortar, suplicar, exortar, animar.

Na afirmação do salmista, fica clara a função da vara e do cajado: consolar. A expressão hebraica “*inachamuni*” (יְהוָה יְהוָה) e a grega “*parekálesan*” (παρεκαλεσαν) expressam a ideia de “chamar ao lado para confortar.” Isaías (40.1; 57.18) usa os termos hebraicos “*nihûm/nahamû ‘amini*” (נַחֲמוּ נַחֲמוּ) para expressar esse conceito de conforto. É uma nova palavra na profecia. É a mensagem de ternura e do amor do Senhor que vai ser demonstrado nas bênçãos do seu povo. “*O meu povo*” reconhece o eterno concerto/aliança – (יְרוּשָׁלַיִם לֵב עַל דְּבָרָיו) “*b<sup>e</sup>rit/hésed*”. Quando o profeta diz: “*Falai benignamente/ao coração de Jerusalém*”, significa – falar com ternura, acariciar, confortar, expressar o sentimento de carinho e amor. É Deus que consola/conforta o seu povo (Sl 86.17; 119).<sup>33</sup>

Vale a pena notar que a tradução de (נַחַם) “*naham*” para o grego (παρακαλέω) “*parakaléo*” não é perfeita. O termo hebraico significa “chamar para dentro/si; ser motivado à compaixão”. Transmitindo a ideia de levar pelo caminho – “*Na tua beneficência guiaste o povo que remiste; na tua força conduziste à tua santa habitação*” (Êx 15.13). “*Parakaléo*” apenas dá a ideia de trazer para si para encorajar/animar/exortar sem necessariamente expressar a ideia “com ternura”<sup>34</sup>

<sup>31</sup> LUCADO, Max. **Aliviando a bagagem**: a promessa do Salmo 23. Tradução de Marta Doreto de Andrade. São Paulo: CPAD, 2001, p. 84.

<sup>32</sup> CALVINO, João. **O Livro dos Salmos 1**. Tradução de Marta Doreto de Andrade e Valter Graciano Martins. Santa Bárbara D’Oeste: SOCEP, 1999, p. 515.

<sup>33</sup> CRABTRE, A. **A profecia de Isaías**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967, vol. 2, p. 46.

<sup>34</sup> A análise exegética foi feita a partir dos textos hebraico/grego, dicionários, analíticos e comentários.



Quanto à ovelha, considere-se que é um animal vulnerável, que não tem meios próprios para defesa; é uma presa fácil para qualquer animal feroz (I Pe 5.8) O pastoreio é vital, tanto no coletivo, quanto no individual. A partir da percepção da sociedade na qual se atua e da exegese do texto, como desenvolver uma proposta de modelo pastoral para momentos de crise?

É claro que essa proposta será simplificada em sua abordagem, devendo ser merecedora de maior profundidade na análise de sua fundamentação teórico/conceitual e práxis.

#### 4. A AÇÃO PASTORAL NO MOMENTO DE CRISE

O passo inicial para se firmar um modelo de ação pastoral é a premissa de que o pastor precisa conhecer o “seu Pastor”. O apóstolo Pedro (1 Pe 2.25) relembra qual é a condição do homem sem Cristo, afirmando: “Porque éreis desgarrados como ovelhas; mas agora tendes voltado/vos convertestes ao Pastor (ποιμνενα - *poiména*) e Bispo (επισκοπον - *épískopo*) da vossa alma”. Conhecer a Deus é crucialmente importante para a vida.<sup>35</sup> Fabro afirma que: “a procura de Deus é o sinal mais autêntico da vida no espírito e todo e qualquer homem sente o problema de Deus, problema que o persegue e o alcança em todo o lugar onde se encontre, como uma inquietante pergunta”.<sup>36</sup>

Tillich, em sua Teologia Sistemática, quando tratou sobre ‘A realidade de Deus’, conclui que: “Deus é a resposta à pergunta implícita na finitude do homem. Ele é o nome para aquilo que preocupa o homem de forma última.”<sup>37</sup> Como conduzir pessoas sem conhecer de fato aquele por quem deve ser conduzido (Jr 9.23-24)? Conhecer Deus é conhecer sua majestade – a palavra latina que significa grandeza; por isso é possível expressar respeito e reverência. Tremor e temor.<sup>38</sup>

Quando Davi declarou: “Yahveh é o meu pastor” (רֵעִי יְהוָה - κυριος ποιμαινει με - *Yahvéh ro’eh / Kúrios poimaínei me*) ele sabia de quem estava falando. Hansen, quando trata da questão do chamado pastoral, diz:

[...] os pastores são feitos por Deus para serem pastores. Não é uma questão de nossas escolhas. Os pastores não escolhem o ser pastores. Saber que fui feito por Deus para ser pastor é o meu chamado, depois do meu conhecimento pessoal de Jesus Cristo como Senhor e Salvador, é a minha posse. Conserva-me firme na rota em meu ministério. Impede-me de ficar louco através de altos e baixos da vida pastoral. É minha autorização para pregar a Palavra de Deus e ministrar às ordenanças... É minha certeza de que Deus é minha força, enquanto executo minhas tarefas. É minha glória é minha cruz. É minha eleição e minha maldição”.<sup>39</sup>

O Senhor Jesus em Jo 10.14 diz: “Eu sou o bom Pastor. Conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem”/’*Ego eimí (εγω ειμι - absolutamente – Eu Sou) ó poimèn ó kalós kai gnoskó (o*

<sup>35</sup> PACKER, James I. **O conhecimento de Deus**. 3.ed. Tradução de Cleide Wolf. São Paulo: Mundo Cristão, 1987, p. 11.

<sup>36</sup> FABRO, Cornelio. **Deus**. São Paulo: Herder, 1967, p. 7,9-10.

<sup>37</sup> TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli. São Paulo: Sinodal/Paulinas, 1987, p. 180.

<sup>38</sup> PACKER, 1987, p. 71.

<sup>39</sup> HANSEN, David. **A arte de pastorear**. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2009, p. 33-34.

ποιμην ο καλος και γινωσκω - conhecer profundamente / ideia de manter relações sexuais) *tá èma gnóskousi me tá èma* (τα εμα και γινωσκομαι υπο των εμων) Para caminhar nesse projeto de modelo pastoral é preciso conhecer o que Davi chama de “meu Pastor”, ouvi - lo. E ouvir a Deus exclui a possibilidade de se permanecer o mesmo.<sup>40</sup>

Vive-se um tempo de “excessiva” supremacia à formação do líder em detrimento da vocação pastoral. Essa temática é discutida por Ricardo Barbosa prefaciando Peterson em “A vocação Espiritual do Pastor”, reafirmando que “as ovelhas clamam por pastores, pastores com tempo e compaixão para ouvir o clamor de suas almas cansadas, aflitas, confusas, em busca de orientação, maturidade, transformação.”<sup>41</sup> Peterson tem razão quando em suas memórias afirma; “Sou pastor. No meu trabalho lido com Deus e com almas. [...] minha vida de pastor, exigiu mais de mim do que eu imaginava.”<sup>42</sup>

Realmente, o pastor precisa compreender e seguir o modelo pastoral do seu Pastor. Groeschel diz em suas confissões; “Eu amo a Jesus. O que me deixa maluco são os seus seguidores.”<sup>43</sup> Exercer o ministério pastoral é o teste final do chamado para ser pastor. É uma tarefa complexa. Pastores existem por causa das ovelhas/igrejas. Isto envolve amar as ovelhas. No entanto, ainda resta uma questão: Como ajudá-las em momentos de crise sem amá-las? Amar as pessoas requer compaixão. A palavra neotestamentária para compaixão é (σπλαγγχνον) *splanchna [splanchna]*<sup>44</sup> – entranha, vísceras. É a compaixão por sofrimento de um amor fisicamente profundo pelas pessoas. É uma reação interior, emocional a um fenômeno exterior, mas é tanto uma decisão moral, como é um efeito emocional.<sup>45</sup> No AT a palavra mais forte para a compaixão de Deus é (רחם) “*raham*” que também significa útero.

## 5. PASTOREAR ENVOLVE AMOR E CUIDADO – PASCERE

Portanto, percebe-se que o ato de pastorear envolve amor e cuidado (*pascere – apascentar, cuidar, alimentar*) e esse sentimento é condição *sine qua non* de uma proposta de modelo pastoral para momentos de crise.

O “profissionalismo acadêmico” não pode obrigar um pastor a amar. A formação conceitual/teórico/prática é necessária para o bom desempenho da tarefa pastoral. “Só a obediência confere ao ato de servir a sua mais profunda dimensão”.<sup>46</sup> Entretanto, um pastor não conseguirá servir/estar junto/puxar para perto de si com *splanchna*, sem amar. Hansen, em O Poder de Amar a sua Igreja, afirma que:

o peso do amor é, em última análise, insuportável [...] O pastor não pode escolher amar todos os dias; pode apenas escolher render sua vida a Cristo

<sup>40</sup> BARRIER, Roger. **Ouvindo a voz de Deus**. Tradução de Marcelo Tolentino. São Paulo: Vida, 2003, p. 12.

<sup>41</sup> PETERSON, 2006, p. 8.

<sup>42</sup> PETERSON, Eugene. **Memórias de um pastor**. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 21-22.

<sup>43</sup> GROESCHEL, Craig. **Confissões de um pastor**: porque decidi tirar a máscara da perfeição. Tradução de Osmar de Souza. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, p. 17.

<sup>44</sup> Em português temos a palavra “esplenalgia”, da raiz “splena”, que significa dor no baço.

<sup>45</sup> HANSEN, 2009, p. 41.

<sup>46</sup> FORSTER, R. J. **Dinheiro, sexo e poder: um chamado a renovação ética**. Tradução de Wanda de Assumpção. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 222-223.

todos os dias. Em Cristo o peso do amor se torna possível. Por isso, devemos permanecer primeiramente nele e depois amarmos uns aos outros. Quando Cristo decide mar uma congregação, estabelece sua fortaleza no coração do pastor.<sup>47</sup>

Reconhece-se que nenhuma pessoa ou família parece estar imune às crises, independentemente de sua classe social, seus valores éticos ou sua religião. “As crises são acontecimentos universais”, conclui Maldonado.<sup>48</sup> Compreender que as crises têm efeito moral, mental, social e espiritual, certamente levará os pastores a enfrentar uma nova pergunta por parte das ovelhas que estão atravessando um período de crise: Por que comigo? Todas estas intercorrências causadas por uma ou mais crises, faz com que aquele que “está andando pelo vale da sombra da morte” da vida, da fé, da igreja, da sua relação com Deus se sinta inseguro e carente da presença pastoral. Ainda Maldonado, define crise

como um estado temporal de transtorno e desorganização, que foge do estilo costumeiro de resolver problemas, e que podem gerar resultados radicalmente positivos ou negativos. É uma ruptura no interior da relação que exige uma busca de novas formas de funcionamento. As crises têm uma duração limitada, mas pode sucumbir uma ovelha.<sup>49</sup>

Compreende-se que tragédias, doenças e mortes estão entre os grandes motivadores das crises. Em relação à doença, Angerami esclarece:

a doença pode ser interpretada como a máxima do sofrimento humano pelo fato de estar associada em alguma instância com a possibilidade de se ter a vida interrompida. Sendo assim, instala-se a díade emocional da doença que, de um lado, contempla o medo de morrer e por outro um desejo intenso de viver – em uma dinâmica na qual uma reação se retroalimenta da outra, gerando, necessariamente, um sofrimento. [...] A dor é sempre uma experiência subjetiva e pessoal. [...] muitas vezes é tudo que se tem a fazer. A cura pela escuta; o silêncio acompanhado da presença acolhedora do outro é uma das formas mais simples e poderosas de amenizar o sofrimento humano. [...] O silêncio é a pior das exclusões, causa medo de separação e abandono [...] e a dor é uma parte integrante da vida e tem a função de proteger a integridade física da pessoa. Contudo, ela pode ser incontornável e, assim, capaz de comprometer a qualidade de vida da pessoa.<sup>50</sup>

Verifica-se a importância de o pastor estar atento às reações comportamentais das ovelhas no percurso do ‘vale da sombra da morte’. Essa observação envolve serviço, aquilo que se pode chamar do “ministério da toalha” (Jo 13.1-20). Lawrence, quando descreve sobre a autoridade pastoral, afirma que:

Pastorear é perigoso porque as ovelhas são “tolas” e forçam o pastor a correr grandes riscos, como Jesus mostrou (Lc 15.3-6). As ovelhas obrigam o pastor

---

<sup>47</sup> HANSEN, David. **O poder de amar a sua igreja**. Tradução de Marcelo Tolentino. São Paulo: Vida, 2002, p. 40-41.

<sup>48</sup> MALDONADO, Jorge. **Crises e perdas na família: consolando os que sofrem**. Tradução de Carlos “Catito” Grzybowski. Viçosa: Ultimato, 2005, p. 9-10.

<sup>49</sup> MALDONADO, 2005, p. 21.

<sup>50</sup> ANGERAMI CALMON, Valdemar Augusto, et ali. **Psicossomática e psicologia da dor**. 2.ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2012, p. 61,158,159,298.

a sair à noite, a arrastar-se e fazer tropeçar em arbustos espinhosos e cair em penhascos ou, atualmente, sair por ruas urbanas perigosas, procurando por aquelas que se perderam do rebanho. Pastorear não é um trabalho cibernético.<sup>51</sup>

Diante do exposto, compreende-se a importância de um estilo de ministério pastoral marcado pela proximidade com as ovelhas. O Ministério pastoral precisa ser evidenciado pelo estilo do bom pastor – conhecer e ser conhecido das ovelhas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recuperar o ‘cheiro’ das ovelhas que deve estar impregnada na ‘pele pastoral’, caminhar junto com o ‘Pastor Maior- Jesus’ e a ovelha ‘andando pelo vale da sombra da morte’ é um dos grandes desafios e para melhor compreender essa tarefa, Molochenco diz que “pode-se definir aconselhamento como a ajuda que alguém, *com certa preparação*, presta ao outro por meio de um relacionamento de cuidado. [...] Aconselhamento é sempre relacionamento.”<sup>52</sup>

Por isso, refletir sobre o tema: “O Salmo 23.4: uma proposta de modelo pastoral para momentos de crise” foi um esforço para ampliar a reflexão sobre as ações pastorais na atualidade.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Comentários dos Salmos 1 - 150**. Revisão: H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1997.

ANGERAMI CALMON, Valdemar Augusto, et ali. **Psicossomática e psicologia da dor**. 2.ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2012.

ARAÚJO Filho, Caio Fábio de. **No divã de Deus: uma análise psicoteológica dos Salmos**. 4.ed. Niteroi: Vinde, 1991.

BARRIER, Roger. **Ouvindo a voz de Deus**. Tradução de Marcelo Tolentino. São Paulo: Vida, 2003. Coleção “A Alma do Pastor”.

BAUER, J. **Dicionário de Teologia Bíblica**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1979. Vol. 2.

BAUMAN, Zygmunt. **O amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

---

<sup>51</sup> LAWRENCE, Bill. **Autoridade pastoral: servindo a Deus, liderando o rebanho**. Tradução de Tirza Pinto. São Paulo: Vida, 2002, p. 127.

<sup>52</sup> MOLOCHENCO, Silas. **Aconselhamento: Curso Vida Nova de Teologia Básica**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 24-25.

**BÍBLIA SAGRADA.** Versão Revisada da Tradução João Ferreira de Almeida - De Acordo como os Melhores Textos de Hebraico e Grego. 4. imp. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1994.

BOFF, Leonardo. **O Senhor é o meu Pastor:** consolo divino para o desamparo humano. 2.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CALVINO, João. **O Livro dos Salmos 1.** Tradução de Marta Doreto de Andrade e Valter Graciano Martins. Santa Bárbara D'Oeste: SOCEP, 1999.

CASTRO, Clovis Pinto. **Por uma fé cidadã:** a dimensão pública da Igreja. São Paulo: Loyola, 2000.

CHOURAQUI, André. **A Bíblia: Louvores (Salmos 1).** Tradução de Paulo Neves. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

CRABTRE, A. **A profecia de Isaías.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967. Vol. 2.

FABRO, Cornelio. **Deus.** São Paulo: Herder, 1967.

FORSTER, R. J. **Dinheiro, sexo e poder: um chamado a renovação ética.** Tradução de Wanda de Assumpção. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo:** um guia para entender a filosofia de nosso tempo. Tradução de Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GROESCHEL, Craig. **Confissões de um pastor:** porque decidi tirar a máscara da perfeição. Tradução de Osmar de Souza. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

HANSEN, David. **A arte de pastorear.** Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2009.

HANSEN, David. **O poder de amar a sua igreja.** Tradução de Marcelo Tolentino. São Paulo: Vida, 2002.

JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus.** Tradução de João Rezende Costa. 10.ed. São Paulo: Paulus, 2007.

KETCHAM, Roberto. **O Salmo 23:** nada me faltará. São Paulo: Imprensa Bíblica Regular, 1981.

KIDNER, Derek. **Salmos 1 a 72:** introdução e comentário aos Livros 1 e 2 dos Salmos. São Paulo: Vida Nova, 2008.

KIVITZ, Ed René. A Teologia prática: modernidade e urbanidade. In: SILVA, Geovaldo Jacinto da (Org.). **Itinerário para uma Pastoral Urbana:** ação do povo de Deus na cidade. 2.ed. São Bernardo do Campo: UMESP, 2012.

LAWRENCE, Bill. **Autoridade pastoral:** servindo a Deus, liderando o rebanho. Tradução de Tirza Pinto. São Paulo: Vida, 2002.

LONGUINI Neto, Luiz. **O novo rosto da missão**: o movimento ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano. Viçosa: Ultimato, 2002.

LUCADO, Max. **Aliviando a bagagem**: a promessa do Salmo 23. Tradução de Marta Doreto de Andrade. São Paulo: CPAD, 2001.

MALDONADO, Jorge. **Crises e perdas na família**: consolando os que sofrem. Tradução de Carlos “Catito” Grzybowski. Viçosa: Ultimato, 2005.

MOLOCHENCO, Silas. **Aconselhamento**: Curso Vida Nova de Teologia Básica. São Paulo: Vida Nova, 2008.

PACKER, James I. **O conhecimento de Deus**. 3.ed. Tradução de Cleide Wolf. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

PAULO II, João. **Exortação Apostólica Pós Sinodal Reconciliatio Et Paenitentia**, 16. Publicada em 18/05/2006. Disponível em: [www.vaticano.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_exhortations/documentes/hf-i...](http://www.vaticano.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documentes/hf-i...) Acesso em 29/07/2013.

PETERSON, Eugene. **A vocação do pastor**: redescobrimo o chamado ministerial. Tradução de Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

PETERSON, Eugene. **Memórias de um pastor**. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

QUEIRÓZ, Edison. **Transparência no ministério**: como ser um líder segundo o coração de Deus. São Paulo: Vida, 1998.

SELLIN, E.; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de D. Mateus Rocha. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli. São Paulo: Sinodal/Paulinas, 1987.

YATES, Kyle M. **Estudos no livro dos Salmos**. Tradução de Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro: JUERP, 1959.